

LUIZ FERNANDO EM CONTOS DE LUZ

Pseudônimo: ÁRIA

Denise Costa de Almeida
LETRAS

**Para o psicanalista Duda
Vasconcelos com quem vivo
amor além da fronteira
da destruição.**

**Para Luiz Fernando, com quem
não pude isso.**

**“a maior parte dos homens vive
em silencioso desespero.”**

(...) não havia mais luz. Luiz entrou na sala. Pude ver janelas do lado, abertas em par. Ele na porta, esquecido, sobre os dois pés. Presença tão forte, meus dois olhos esquecidos, a máquina de escrever. Adivinhei o rosto pelo ar respirado. A sala. Voz masculina. Procurava outra mulher.

Levantei olhos devagar, como saísse de sonho. Voz desconhecida. Procurava outra mulher. Estampidos de máquina. Escrever. Tiros na noite. Encontrei riso claro, nunca visto em outra boca. Rosto dele de luz. Na porta. Desfiz.

Consegui algo, resposta delicada. Ele riu. Coração estancado. Ele ria. Riso distorção de imagem, lento. Perdi ânimos de escrita. Linguagem quebrada, mãos fora da máquina.

Luiz ria na luz.

Olhos em papel, dentes dele na página. Riso. Branco. Pensei que amava. Ele ria desconhecido na luz.

(...) continuou na porta. Talvez sonhasse ali. Vontade de mostrar dentes em mim. Talvez ele entendesse riso. Sem certeza, muita luz. Dele, de dentro. Senti.

Tomou dos textos. Meus em voz alta. Dei contas de luz. Voz delicada, incerta. Devagar, não carecia de esforço, palavra. Em mim sensações. Ele jamais ter em voz alta textos de intimidade. Intimidei.

Não vi olhos dele em papel. Só voz. Tive joelhos moles, desmanchando. Ciúme de olhar. Olhar dele correndo páginas, masculino. Amava outra mulher.

(...) Acreditou em textos. Receios meus. Tempo sem conta prestava atenção. Voz dele. A sala, corredores esparramando palavras. A luz que brotava dele. Demorava meus textos que fui ficando tranqüila. Como houvesse luz. Voz minha morna, a respiração dele. Ele imagino pensar meu mais poder de desconhecidos. Carinho pensar. Dei contas do rosto. Masculino, quase delicado. Luz através da boca. Palavra. Mão dele trêmula contra papel.

(...) Mãos dele sempre contra alguma coisa. Palavras moídas em mim. Textos sem feminino e sintaxe. Eu capaz de amar homem assim, só porque sem pressa em texto meu. Só porque esparramado assim, de luz. Luiz lendo sem pressa texto meu, palavras dele no ar. Não pude atenção. Simulei olvidos devagar, o texto inaudível. Palavras molhando o corredor. Luiz inteiro, masculino. Todas as mulheres que deixava de amar. Via pelas mãos dele.

(...) senti saudades de casa, tomar capuccino, pensar em nada. Não ter mais homem nos olhos, deixar de ver. Luiz em pé

do meu lado, a máquina de escrever. Pensei em postes de luz fincados em avenidas. Ele ao meu lado jorrava.

(...) fácil perceber onde ele ficava no escuro. Mariposa de luz. Cigarro ferida na noite. Brasa em vermelho envolto de dedos. As mãos dele em torno, a brasa, vermelho. Pensei jamais perdê-lo por causa desse sinal. (...)

(...) momento ele disse o nome pensava na luz. Luiz Fernando, o nome. Ele de luz nas mãos, no nome. Dentro de mim ele ria devagar num facho de luz. Rosto dele nos meus olhos, memória.

Luiz andava descortinando extensas faixas de luz. Entrava ruas, quartos, sala. Ele ferindo de luz. Vermelho de cigarro da presença. Ele em brasa, pernas minhas, lado meu. O cigarro, o sinal, jamais perder. Ele em todas as bombas de gasolina. Meu desespero devagar, as mãos dele. A brasa vermelha, envolta de dedos. Ele ao meu lado. Ele vizinho meu. Saber a luz da sala. Tive vontade de amar, medo dele. Amor e medo me inquietava.

(...) Ficamos bar de esquina, mesa tombando. Luiz de costas, na luz. Sombra dele descansando nas minhas coxas. Não consegui atenção. O discurso, nariz dele nas minhas pernas. Fiquei com seis anos, ao lado do cachorro. Ele lembrava.

(Tenho medo dele, muito medo. Da memória dele, da minha. Do passado, esquecer. Esquecer é masculino. Rasgar é masculino. Lembrar é fêmea.)

Súbito alguém conversou pra mim. Outro homem. Luiz buscava cerveja quando. Não pude atenção. Ele de longe, segurando a cerveja. As mãos dele suando. Me senti envolto dele, como o cigarro. Ele não vinha. Esperava a minha solidão pra vir.

Corpo dele de luz. Grego, imaginei pequeno, menino franziño. As mãos de pardal. Enrugadas do banho, cartas de amor.

Senti beijo me começando, nostalgia. Depois pensei em horas. Tristeza. A boca foi retornando devagar.

(...) Luiz em fotografia delicada em mim. Palavra dele noturna. De costas prá mim. Tive ciúme das outras mulheres que teria por vir. Vontade de enfiar a mão na jaqueta. A pele dele branquinha por baixo. Capaz de cerveja e café sem tremer mãos. Voz dele me deixando triste, a noite dentro. Barulhos de homem em mim.

(...) "eu vou sujar o seu pau merda". Caio, feminina. Violentos olhos dele. Fala de personagem, Rubem Fonseca, blazers de linho. Ana Miranda. Dia das mães. Tive medo dele. Não era escuro. Luiz tão leve na minha fantasia, claro de riso, luminoso de olhos, de mãos. Não pude. Amava já. Um homem assim, com dois poetas portugueses no nome. Ri trêmula de mãos. (um assim desconhecido não pode, em tão pouco discurso, chegar tão perto do meu escuro, do meu vazio.)

Comecei um desespero devagar, na linha da boca. Devia ser amar. Tive medos. As mãos dele acesas. O sinal, jamais perder. Mãos dele, o braço. Talvez se desfizesse no ar. Botei mãos. Era sólido. Muito mais sólido pra mim. Não tinha desespero na boca. Era sólido, masculino, de luz.

(...) Eu feminina, comecei textos e discursos. Mãos dele não tocavam em mim. Cinema e silêncios mais sólidos dos meus. Tempo descobri Luiz capaz de família, sono, namorada, almoço, primos, tios, esquecimento. Talvez sofresse por isso. Mas sorria de luz. Afogava devagar, sem contar até cem. O pai na sala, programas de tv. Domingos feitos de macarrão. Súbito fiquei triste.

(...) As mãos dele sempre contra alguma coisa. Vermelho envolto de dedos, sinal. Tinha uma profissão das que ocupam as mãos e não se tem tempo de sonhar. Talvez me amasse. Não tocava em mim. Talvez odiasse. Um desespero assim, de

luz. Acho que sofria. Era pouco dentro de mim. Ficava de pé e sorria. As mãos envolvendo o vermelho do cigarro. Jamais perder.

(Antes de me desfazer no ar, sonho ainda que venhas a ter comigo. Lembro de ti em cabelos encravados e unhas roidas. Não consigo dormir. Tu talvez esperes a madrugada do sono e me esqueças.)

(...) A luz da rua. Luiz no portão. Medo ele entrasse. Luiz de fora, pendurado na grade. Morcego cego de luz. Brasa vermelha, dedos em torno. Joelhos abertos. Entrei.

Ele era sólido. Talvez ficasse aborrecido com minha vontade de amar. Talvez aborrecesse. Céu trocando depressa, dedos em torno. Cílios dele na parede. Fumaça. Entrei pernas dele, por entre. Mão cem número, gostei dos joelhos. Seguraria sempre que sentisse medo. Imaginei.

(...) Luiz andava devagar no meu corpo. Pequenos passos. Paços da paixão...

(...) "amar é qualquer coisa entre Fernando Pessoa e Lupicínio Rodrigues." Bia Lessa nos bares. São Paulo tão clara. Luiz nos letreiros da noite. Mãos dele metáfora, enxerto, pele branca, desajeitada. Ele traído pelas mãos sabia. Talvez por causa, nunca tenha me abraçado com verdades. Posto mão dentro de coxas. Eu, sem acaso, gostava das mãos. Ele ria na luz, feito de riso. Olhares sólidos nos livros. Saudades dele, da biblioteca. A Bia Lessa rindo num bar. Pensei nas mãos dele, penso nelas sempre, segurando alguma coisa. Livros, cigarros, namorada. Tempo nos bolsos, guardanapos. Ele diante de mim. Sólido, silencioso, como se amasse. A memória dele nas xícaras de café. Esquecer, assim, masculino. Até escrita.

Ousei mais mãos. A rigidez do peito. Dizia palavras. Respirava. Sobretudo via. Incondicional. Tive um medo como olhar.

Uma noite ele segurou sacola. Amiga aborrecida no ônibus. Ele olhando as mãos, Eu a sacola. Perguntou se eu me importava. Achei por causa dele, mas era a sacola. Só percebi o engano depois.

Fiz silêncio de sim. Decerto me importava. Amor e homem me importa.

(...) Comecei a gostar de vê-lo em pé nas portas. Sintaxe menos brusca. O amor subordina, coordena. Dividi com ele madrugadas imensas, um filme ruim. Os outros todos imensos. Amar me faz triste. Segurava os joelhos dele incerta. Ele ao meu lado. Uma distância de corpos como de cor. As mãos dele sempre contra alguma coisa. Vermelho envolto de dedos. O cigarro. Jamais perder.

Comecei a fumar com ele, colorir, pintar cigarros. Uma distância de corpos feito de cor. Os cigarros Luiz transformava em nada e vazio com tragar. Nunca escreveu nem amou comigo assim, feito fumar.

(...) Tive vontade de chorar uma noite. Ele deve ter percebido, pois segurou minha mão. Peguei no cabelo das pernas dele devagar. A pele branca, gostei do cabelo. Um caminhão de carne desenhava luzes no vidro. Bois escorrendo do arame e homens cobertos de sangue. Luiz fumava. Parecia feliz.

(alguma coisa começa em mim sem retorno
sinto que vens de dentro
mas eu nem sei sem exato o que seja
esse interior que tu feito lâminas
habitas...)

(...) Visitas diminuídas outros homens pisei nas lentes de contato um dia um fio de cabelo dele no traveseiro me encheu de nostalgia cigarros em bares fazem a memória dele em mim por que esse amor caminha em direção à perda quando eu

caminho em direção à casa dele eu tenho medo de encontrar você no ônibus e acabo encontrando pus baton vermelho ontem e pela primeira vez beijei o rosto dele, despedida, pedi que limpasse tatuagem o ônibus indo embora infinito perco devagar a pontuação o sentido estar viva e poder beijar o rosto dele no ônibus, o baton vermelho. A emoção da pele dele na minha, tive medo.

Tive muito medo de morrer ali, sem tocar pele dele de novo. Tenho muito medo de morrer sem tocar pele dele de novo.

(uma cabeça de touro empalhada, fora do corpo, feito memória, em pedaços...

enquanto me desfaço em rajadas de ar tu caminhas sólido do outro lado da rua. Um letreiro de neon me atravessa os olhos. tu caminhas do outro lado da rua...

um rapaz do outro lado da rua segurando nas mãos uma cabeça de touro empalhada. Assim, sem corpo, os olhos do touro parecem de verniz. O amor, imagina, uma cabeça de touro assim, decepada, sem sangue, entre os dedos... imagina o amor mais triste que cartas e telefonemas... sair da tua vida assim, feito a cabeça do touro. Todos os golpes até que a cabeça se descole do corpo... Talvez tu sofras em me esquecer... quanto se pode ainda tirar do touro e mesmo assim encontrar nele o touro inicial... tu insistindo no desconhecimento caminhas segurando ainda entre as mãos o que resta do touro... teu passo incerto... descas a rua da minha casa agora com mais frequência... sonho com surpresas... sempre com surpresas... "que surpresa não deve ter tido aquele rapaz que atravessando a praça teve de súbito um dardo atravessado no peito...")